



PUBLICAÇÃO: 15/08/2018



## Reunião do Comitê da Cidade Resiliente de São José do Rio Preto



A Defesa Civil de São José do Rio Preto-SP realizou, dia 09/08/2018, a primeira reunião com os membros titular e suplente, que fazem parte do Comitê da Cidade Resiliente, nomeados pelo Decreto nº 18.066/2018, composto pelo poder público e sociedade civil.

A reunião teve como objetivo capacitar os representantes para dar início ao relatório Scorecard, também conhecido como 3º Ciclo da Campanha “Construindo Cidades Resilientes”, visando a Certificação pelo Escritório das Nações Unidas para Redução de Riscos de Desastres – UNISDR. Este ciclo visa dar respostas a 41 perguntas sobre indicadores locais para medir a amplitude e a profundidade do nível de um governo local na preparação para desastres, visando mapear e compreender as lacunas e os desafios existentes para a redução de riscos de desastres na sua localidade.

O Coronel Carlos Lamin agradece o apoio do prefeito Edinho, bem como todos os secretários, enviando representantes para o trabalho e espera concluir estes trabalhos até outubro



## Manual ABCDE para a aplicação de primeiros socorros psicológicos

Este manual **destina-se a fornecer Primeiros Socorros Psicológicos (PFA) a qualquer pessoa afetada por uma situação de emergência, desastre ou outra situação de crise.** A sigla ABCDE significa: Escuta ativa, reciclagem de (B) entilación, Categorização de necessidades, Derivação para redes de apoio e psicoeducação. Cada capítulo é sobre uma das letras.

Este manual foi concebido no contexto do estudo "Psychological Primeiros Socorros: adultos randomizados afetadas por um trauma não intencional em um ensaio clínico sala de emergência", financiado pelo Centro Nacional de Pesquisa Natural Gestão Integrada de Desastres (CIGIDEN) através da Comissão Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica (CONICYT) Chile, Programa FONDAP 15110017/2011.

FONTE: [https://www.preventionweb.net/files/59897\\_auxiliar.pdf](https://www.preventionweb.net/files/59897_auxiliar.pdf)



## Desespero e ansiedade: a "emergência viva" de Porto Rico como uma crise de saúde mental se desdobra

*De Amanda Holpuch*

Fechamentos de farmácia privaram as pessoas de acesso a antidepressivos e antipsicóticos prescritos. Veteranos das guerras dos EUA no Iraque, Afeganistão, Vietnã e Coréia relataram que os sons da tempestade e as cenas de destruição desencadearam sintomas de TEPT que haviam sido gerenciados.

De novembro de 2017 a janeiro de 2018, a linha de suicídio da ilha, a Línea PAS, viu um aumento de 246% nas ligações de pessoas que disseram ter tentado suicídio em comparação com o mesmo período do ano anterior. Houve também um salto de 83% em pessoas que disseram ter pensado em tentar o suicídio.

As condições inseguras mantinham as crianças em toda a ilha em locais fechados, onde não podiam fazer atividades que precisassem de luz ou eletricidade. Como muitas

peças mudaram-se com famílias extensas para o furacão, as crianças retiradas de seus bairros foram cercadas por estranhos. Ruas entupidas com detritos e vidro esmagado representavam um risco a longo prazo.

As escolas foram fechadas por meses e, mesmo quando reabriram, as aulas não começaram imediatamente e nem todos os professores retornaram.

Ammirati disse que a rede existente de profissionais de saúde mental em Porto Rico era forte, mas como o alcance da devastação era tão grande, esses provedores também precisavam de apoio psicológico, como em um avião quando os passageiros são instruídos a colocar uma máscara de oxigênio em si mesmos antes de ajudar as crianças.

**FONTE:** <https://www.theguardian.com/world/2018/aug/07/despair-and-anxiety-puerto-ricos-living-emergency-as-a-mental-health-crisis-unfolds>



## Setor privado

### MISSÃO DO SETOR PRIVADO DA UNISDR

**“Criar sociedades resilientes ao risco, energizando o setor privado em colaboração com o setor público e outras partes interessadas para alcançar o resultado e a meta do Sendai Framework de uma maneira transparente e inclusiva que proporcione impacto local e mensurável.”**

### Por que o setor privado?

O Relatório de Avaliação Global da UNISDR 2015 (GAR15) estimou que a perda média anual no ambiente construído associada a ciclones tropicais, terremotos, tsunamis e inundações é agora estimada em US \$ 314 bilhões. Esse número seria maior se o impacto de eventos extensos, como secas, variações de temperatura e outros setores, como a agricultura, fossem incluídos.

A Estrutura de Sendai destaca a falta de regulamentação e incentivos para o investimento privado em redução de risco de desastres como um direcionador de risco subjacente e exige que as empresas integrem o risco de desastre em suas práticas de gestão. Do mesmo modo, afirma que abordar os fatores de risco de desastre subjacentes por meio de investimentos públicos e privados informados por risco de desastres é mais eficaz em termos de custos do que a confiança primária na resposta e recuperação pós-desastre e contribui para o desenvolvimento sustentável. Trilhões de dólares de novos investimentos são esperados em áreas propensas a riscos até 2030, aumentando drasticamente o valor global dos ativos em risco. Como o risco de desastres é considerado e gerenciado em investimentos de capital, cadeias de suprimento e operações será um fator decisivo para atingir as metas do Marco Sendai.

### Como trabalhamos com o setor privado?

A UNISDR trabalha com o setor privado há mais de cinco anos. No outono de 2015, depois que a comunidade internacional adotou o Marco de Sendai, várias iniciativas do setor privado da UNISDR, a saber, o Grupo Consultivo do Setor Privado (PSAG), a Parceria do Setor Privado (PSP) e a Iniciativa R! SE foram fundidas para criar o Aliança do Setor Privado para Sociedades Resilientes a Desastres (ARISE).

### **O que é ARISE**

O objetivo geral do ARISE é criar sociedades resilientes ao risco, energizando o setor privado em colaboração com o setor público e outras partes interessadas para cumprir as metas do Marco de Sendai.

Com uma adesão inicial a mais de 140 entidades do setor privado e afiliadas, a ARISE pretende expandir o número de organizações do setor privado e outras envolvidas no apoio à implementação do Marco de Sendai e permitir que o setor privado implemente projetos e iniciativas tangíveis que forneçam resultados críticos para a conquista do resultado e meta do Marco de Sendai.

O ARISE facilita a troca de experiência e conhecimento sobre como implementar projetos tangíveis de redução de riscos de desastres através de sete fluxos de trabalho: estratégias de gestão de riscos de desastres, métricas de investimento, benchmarking e padrões, educação e treinamento, legal e regulatório, redução e resiliência de riscos urbanos e seguros.

### **Os membros do ARISE concordam em adiantar os Cinco Compromissos em apoio ao Marco de Sendai:**

1. Sensibilizar para o risco de desastres e mobilização do setor privado
2. Exercer influência nas respectivas áreas de especialização
3. Compartilhar conhecimento e trazer expertise do setor privado
4. Seja um catalisador para gerar inovação e colaboração
5. Implementar projetos e atividades tangíveis para atingir as metas do Marco de Sendai

### **Como se juntar ao ARISE**

Cada fluxo de trabalho do ARISE foi desenvolvido para receber os colaboradores interessados em trazer conhecimento especializado, experiência, bem como recursos financeiros para uma maior implementação.

### **Atuais membros do ARISE**

FONTE: <https://www3.unog.ch/arise/members>



**Pacto Global**  
Rede Brasil

## **Pacto Global divulga plataforma para o setor privado sobre adaptação às mudanças climáticas**

Em evento que reuniu lideranças empresariais e gestores de sustentabilidade na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), a Rede Brasil do Pacto Global da ONU apresentou neste mês (10) a Plataforma AdaptaClima. O projeto do

Ministério do Meio Ambiente difunde informações sobre o combate às mudanças climáticas, conscientizando sobre riscos aos negócios e novas oportunidades produtivas.

No Plano Nacional de Adaptação (PNA), lançado em 2016 pela pasta federal, o governo define estratégias em diversos eixos da sociedade — Agricultura, Cidades, Zonas Costeiras, Saúde —, com base em previsões científicas para as próximas décadas. A alteração gradual e permanente no regime de chuvas, por exemplo, poderá provocar mudanças nos ecossistemas, bem como desastres naturais, incluindo inundações. Consequências poderão variar da sobrecarga do sistema público de saúde até migrações forçadas.

“Os estudos que reconhecem as regiões mais vulneráveis às mudanças climáticas são importantes na alocação dos recursos federais”, afirmou a coordenadora-geral substituta da Secretaria de Mudança do Clima do Ministério, Nelcilândia de Oliveira Kamber.

A Plataforma AdaptaClima funciona como um canal para o setor privado, que sofre com problemas no acesso a dados e também com a falta de articulação com outros empresários e gestores públicos. As orientações disponíveis no site permitem às companhias traçar seu próprio plano de adaptação.

“Com o nosso mapeamento da realidade brasileira, percebemos que os dados não chegavam àqueles que tomam decisões, limitando o alcance das ações ou até levando-as a se sobrepor”, avalia Mariana Nicolletti, pesquisadora no Centro de Estudos em Sustentabilidade da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP).

A especialista integra a Iniciativa Empresarial em Clima (IEC), uma coalizão de redes empresariais que promove *webinars* e palestras sobre mudanças climáticas. A secretaria executiva do organismo, que promoveu o evento em São Paulo, é da Rede Brasil do Pacto Global.

### **Empresas preparadas para um clima em transformação**

Entre as signatárias do Pacto Global da ONU, a EDP Brasil, do setor de geração e distribuição de energia, já deu os primeiros passos para adaptar seus negócios às

mudanças climáticas. Preocupada com o aumento na frequência e na intensidade de tempestades, a empresa desenvolveu um sistema de monitoramento que incorpora dados meteorológicos em tempo real. O projeto foi executado em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Conhecendo as previsões para 2030 de que haverá um aumento médio de 30% na incidência de raios na região coberta pela companhia, a EDP está preparando equipes e veículos de manutenção. A instituição também planeja ajustes de escalas de trabalho e elabora informes para os consumidores.

Outra integrante da Rede Brasil do Pacto Global, a Braskem investiu 150 mil reais para identificar a curto, médio e longo prazo potenciais oportunidades e riscos em suas usinas. Com estimativas para 2040, a avaliação analisou futuros impactos físicos, regulatórios, reputacionais e na cadeia de valor para todas as 36 instalações da empresa no Brasil, Estados Unidos e Alemanha.

De acordo com o levantamento, o maior risco físico nos Estados Unidos está associado ao provável aumento da intensidade de furacões. Na Alemanha, as chuvas com potencial de inundação são o maior fator de preocupação. No Brasil, a maior frequência de secas severas é a principal vulnerabilidade para as operações. Para cada situação, o plano da Braskem aponta recomendações que vão de projetos de engenharia a campanhas de conscientização.

Mais informações sobre ambas as empresas estão no Caderno do Pacto: Clima – O Brasil Rumo à Economia de Baixo Carbono, lançado pela Rede Brasil do Pacto Global em 2015.

FONTE: <http://pactoglobal.org.br/publicacoes-rede-brasil/>



## **Mudanças Climáticas: Riscos e Oportunidades para o Desenvolvimento do Brasil**

Elaborado pela *Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura*, o documento traz 28 propostas aos candidatos às eleições 2018. A iniciativa de elaborar essas propostas representa uma ação apartidária dos principais atores da agenda de clima, florestas e

agricultura interessados em impulsionar o desenvolvimento de uma economia de baixo carbono no país.

FONTE: <https://biblioteca.cebds.org/coalizao-brasil-propostaseleicoes-2018>



## Compromisso Empresarial Brasileiro para a Segurança Hídrica

Entendendo a urgente necessidade em tratar a crítica realidade da segurança hídrica brasileira, o CEBDS lança o **Compromisso Empresarial Brasileiro para a Segurança Hídrica**, que além de consolidar a contribuição efetiva do empresariado brasileiro ao País, possibilitará que o Brasil desponte no cenário das grandes agendas e marcos globais de água, como protagonista na implantação de soluções inovadoras, levando este legado ao próximo Fórum Mundial da Água, no Senegal em 2021.

O CEBDS e as empresas signatárias querem que esse Compromisso se torne uma referência nacional de contribuição efetiva das empresas para a segurança hídrica no País. Isso trará transparência e visibilidade a dados e informações sobre ações, projetos, metas e compromissos assumidos, individual e coletivamente, pelas companhias signatárias, permitindo maior engajamento e difusão de experiências, aprendizados e informações entre o setor empresarial brasileiro.

FONTE: <http://cebds.org/wp-content/uploads/2018/03/cebds.org-compromisso-empresarial-brasileiro-pela-seguranca-hidrica-compromisso-segurancahidrica-port-10-04.pdf>

## **INFORMAÇÕES**

### **PROMOTOR BRASIL**

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

### **CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO**

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

### **INFORMATIVOS UNISDR**

<http://www.eird.org/camp-10-15>

### **PREVENTIONWEB**

<http://www.preventionweb.net/english/>

### **SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL**

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>